

MOMENTO

uff

IMPRESSO

Publicação da Universidade Federal Fluminense - nº 147 - fevereiro/março de 2004

SALVANDO O RIO

Missão Cruls refaz viagem que deu origem à Brasília

Pág. 3

Projeto Ambiental é reconhecido pela ONU

Pág. 4 e 5

Violência e Narcotráfico do Rio na mira de pesquisadores da UFF

Pág. 6 e 7

Pesquisa resgata história do Rio de Janeiro do século XVIII

Pág. 8 e 9

UFF ESTUDA A CRIAÇÃO DO SEU COLÉGIO UNIVERSITÁRIO

Paulo Trales e Renata Del Vecchio

Editorial

O Brasil vive hoje, com a instauração do novo governo, um clima de reformas. Comprometida com a reforma educacional e com o destino da universidade pública brasileira, a UFF vem discutindo e implementando ações que vão ao encontro de um dos pontos fundamentais da pauta da reforma: a inclusão social. Embora as ações nesse sentido perpassem a universidade como um todo, é no âmbito da Pró-Reitoria de Extensão (Proex) que elas ganham maior organicidade e visibilidade institucional. A opção política da UFF em prol da inclusão social não se deve a um modismo, mas é parte da trajetória histórica da própria instituição e de sua relação com a sociedade. Exemplo disso é que, em 2003, a Proex cadastrou cerca de 400 projetos de extensão. Além disso, a UFF foi a única entre as federais que teve seus quatro grandes projetos institucionais recentemente aprovados pelo MEC, através de julgamento do mérito acadêmico externo.

A aprovação destes projetos, que tiveram a inclusão social como principal objetivo, vem consolidar e mostrar o compromisso ético da UFF para com a sociedade. Incluir novos atores sociais na universidade encontra sentido no fato desta instituição responder a demandas provenientes de uma sociedade em conflito. Também, propicia um resgate histórico da universidade com novas dinâmicas, como: a possibilidade de socialização de um conhecimento, segundo uma perspectiva universalizante e não apropriadora ou competitiva; a problematização de temas menos trabalhados pela instituição e o aprendizado, pela universidade, de formas pedagógicas estabelecidas fora de seu âmbito.

Por fim, é importante alertar o governo para o fato de que a universidade é uma instituição pública essencial à construção da soberania nacional e que, portanto, não pode ser relegada, abandonada ao sabor de interesses privados. Para um governo que chegou ao poder pela vitória da esperança sobre o medo, é importante que saiba manter, como tenta a universidade, aquele *locus* da diversidade e da criatividade que encanta a vida e impulsiona a transformação do mundo.

A comunidade acadêmica da UFF tem colocado em debate, nos últimos três anos, a criação de uma unidade de educação básica na cidade de Niterói. O tema tem sido discutido com frequência em fóruns do CEG, por docentes dos cursos de Matemática, Física, Letras, Química, Biologia, entre outros. Essas discussões motivaram a elaboração de um projeto pelos professores Paulo Trales e Renata Del Vecchio que atualmente está em tramitação nos órgãos superiores da universidade.

A idéia do Colégio Universitário é criar um local onde nossos alunos – futuros professores – possam atuar não só na prática de ensino, mas também na elaboração do processo educacional como um todo. Além disso, a intenção é que o colégio seja um espaço para discussão do projeto pedagógico em conjunto com institutos e faculdades que oferecem cursos de licenciatura na nossa universidade. É necessário frisar que não se pretende, com a criação dessa nova unidade, restringir a experiência da prática de ensino a essa única modalidade. É essencial que nossos alunos conheçam a diversidade e as dificuldades do ensino médio e fundamental e, portanto, a rede pública que, através de convênios institucionais, deve ser sempre um espaço de atuação da universidade.

A proposta do colégio tem por objetivo congrega professores do ensino básico, que possam desenvolver pesquisas e projetos proporcionando um maior intercâmbio entre os alunos e professores daquele nível de ensino, em especial da rede pública, e os da universidade. Dessa forma, a parceria entre a UFF, as secretarias de Educação e a sociedade de um modo geral seria fortalecida, assim como já acontece com o bem-sucedido projeto Creche UFF, que trabalha com total afinidade com a rede pública. Cabe ressaltar que a finalidade principal de nossa creche não é assistencialista, como muitos pensam, e sim um local de desenvolvimento de pesquisa, ensino e extensão. A forte parceria entre a Creche UFF

e a Secretaria Municipal de São Gonçalo permite que professores daquele município sejam cedidos à Creche UFF, onde lecionam por, no máximo, dois anos, e após esse período retornam às suas escolas. Muitos profissionais ficam motivados a continuar a estudar e voltam à universidade. Alguns ingressam no curso de mestrado e outros, que ainda não possuíam nível superior, procuram os cursos de graduação, especialmente o de Pedagogia.

É claro que a criação dessa nova unidade sofre algumas críticas do tipo “a produção científica e a influência político-social, consubstanciadas no tripé ensino-pesquisa-extensão, ficariam reduzidas a uma parte ‘privilegiada da população’ escolar”. Entendemos que o acesso a esse colégio deve ser feito de forma bem democrática com nossa comunidade, o que poderia ocorrer até, como exemplo, por simples sorteio. Assim, estaremos oferecendo a uma parte da população economicamente pouco privilegiada acesso a uma educação de qualidade. Concordarmos plenamente com a concepção de que “o aluno deve se confrontar com a realidade social, cultural e educacional do cotidiano escolar, numa perspectiva participativa de se reconstruir como educador-agente de mudança”. Atualmente, na sua prática de ensino, a atitude da maioria dos alunos de licenciatura é de meros observadores.

A proposta supera, portanto, a concepção limitada de colégios universitários como espaços de “aplicação pedagógica”. Nesse sentido, pensamos que essa unidade deve ser vista também como um espaço de formação continuada – assim como já acontece com a Creche UFF – para os professores da rede pública. Dessa forma, poderemos incentivar a melhoria da formação daqueles profissionais, trazendo-os também de volta às salas de aula da universidade, principalmente através de nossos cursos de especialização para professores do ensino fundamental e médio.

Paulo Roberto Trales

Diretor do Instituto de Matemática e Professor Adjunto - UFF/Departamento de Análise

Renata Raposo Del Vecchio

Professora Adjunta - UFF/Departamento de Análise

realização



Universidade Federal Fluminense - Reitor: Cícero Mauro Fialho Rodrigues - **Vice-Reitor:** Antonio José dos Santos Peçanha
- Núcleo de Comunicação Social - Diretora: Cristina Ruas - **Momento UFF - Editoras:** Pamela Archontakis e Regina Schneiderman
- Redação: Kátia Vieira, Luiza Peluso, Pamela Archontakis, Regina Schneiderman, Rosane Fernandes e Sonia de Onofre -
Programação Visual e Diagramação: Afonso Vicente Araujo Almeida e Marcos Aurélio do Rego Monteiro -
Bolsistas: Daniel Braga, Fernanda Gomes, Fernanda Pimentel, Mariana Mello de Medeiros e Priscilla Mansano (Jornalismo),
 Arnold Eduardo Zárate Aldana e Daniel Saturnino Braga (Publicidade e Propaganda), Eduardo Heleno de Jesus Santos (Fotografia)
- Voluntária: Monica Artiles - **Capa:** Afonso Vicente Araujo Almeida com fotos de Eduardo Heleno e divulgação -
Endereço: Rua Miguel de Frias, 9, 8º andar, Icaraí, Niterói/RJ - 24220-000 - **Tels.:** 2629-5239 e 2629-5240 (telefax) -
E-mail: nucs@vm.uff.br - **Tiragem:** 13.000 exemplares - **Fotolito e impressão offset:** WalPrint Gráfica e Editora -
Site UFF Notícias: www.noticias.uff.br



MISSÃO CRULS: UMA TRAJETÓRIA PARA O FUTURO

Professores da UFF revivem expedição 111 anos depois

Mônica Artilles

Eduardo Heleno/Daniel Saturnino



O astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão e os professores da UFF Marli Cigagna e Gilberto Pessanha Ribeiro (Geociências) e Miguel Freire (Iacs). Ronaldo, Gilberto e Miguel integraram a equipe da Missão Cruls

A UFF foi o ponto de partida da reedição da “Missão Cruls - uma trajetória para o futuro”, que, no século XIX, desbravou a Região Centro-Oeste do Brasil. Os cientistas que participaram dessa nova viagem buscaram divulgar pelo país a expedição do engenheiro, astrônomo e geógrafo belga Luiz Cruls, que, em 1892, percorreu mais de 4 mil quilômetros e produziu extenso registro sobre as características naturais e humanas da região do Planalto Central.

A reedição do projeto Missão Cruls foi idealizada e organizada por Pedro Jorge de Castro, ao longo de três anos. Cineasta e professor da Universidade de Brasília, onde lecionou por 28 anos, Castro coordenou os trabalhos da viagem que teve duração de 18 dias e passou por 20 cidades nos estados dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Goiás.

A equipe, formada por 17 pessoas, entre elas professores, pesquisadores, técnicos e renomados profissionais, iniciou a jornada no dia 11 de novembro do ano passado refazendo o itinerário da Missão Cruls. O objetivo do grupo foi divulgar a epopéia do desbravador ao longo do trajeto original.

A primeira viagem

A missão de Cruls foi designada pelo presidente Floriano Peixoto para explorar o interior do Brasil. A Constituição Brasileira da época previa a demarcação do interior do território brasileiro para a construção da capital do país. Por isso, Luiz Cruls percorreu mais de 4 mil quilômetros, do Rio de Janeiro ao Planalto Central.

O professor Castro observa que a viagem de Cruls foi muito arrojada: “Na época, o meio de transporte mais rápido era o trem e não seria possível imaginar uma grande cidade mil quilômetros adentro do continente. Luiz Cruls mudou o arranjo geográfico do país e deixou conseqüências para o cidadão comum.” Ele e sua equipe de 21 pesquisadores demarcaram 14.400 quilômetros quadrados e apresentaram, em 1894, um relatório com mais de 300 páginas. O documento representa um dos mais completos registros sobre a região do Planalto, com informações sobre a flora, fauna, rios, solos, clima, o modo de vida dos habitantes, aspectos urbanos e arquitetônicos das cidades existentes no trajeto e até mesmo as doenças mais comuns. “Cruls produziu o primeiro relatório de impacto ambiental da nossa época”, afirma Pedro Jorge de Castro.

Outro integrante da expedição, Dr. Cavalcanti, fez um diagnóstico pioneiro dos problemas ambientais. Ele já alertava para o fato de que a construção de vilas, fazendas e estradas afetaria os animais e seu habitat e as queimadas também o preocupavam.

Missão Cruls em 2003

Em sua nova edição, a Missão Cruls reuniu pesquisadores de renome como o astrônomo Ronaldo Mourão, do Museu de Astronomia do Rio de Janeiro; José Pugol, zoólogo da UnB, Fabian Borghetti, botânico da UnB e Gilberto Pessanha Ribeiro, engenheiro cartógrafo do departamento de Geodésia do IBGE e professor da UFF, entre outros.

A segunda expedição teve como objetivo contribuir histórica e educativamente para a sociedade, dando-lhe a oportunidade de conhecer, por meio de fotografias, exposições e palestras, a epopéia da missão apresentada ao longo do percurso em universidades, prefeituras e bibliotecas. O cineasta Pedro Jorge de Castro ressaltou que o projeto pretende comparar o relatório elaborado na época com a situação encontrada hoje na região.

A nova Missão Cruls teve dois responsáveis pela documentação do trajeto: Miguel Freire, cineasta, professor de Fotografia e chefe do departamento de Comunicação Social da UFF, e André Muniz Leão, aluno de Rádio e TV de uma faculdade de Brasília. Os dois realizaram a cobertura fotográfica e em vídeo. A idéia é realizar documentários, vídeos educativos e um *making off* do trabalho.

Para Freire “a Missão Cruls é uma possibilidade de democratizar o estudo da ciência. É levar hoje, depois de cem anos, o resultado de uma jornada que é da maior relevância para a constituição do Brasil como nação”. André Leão, responsável pelas gravações, diz que ficou muito empolgado com o trabalho: “É uma oportunidade ímpar de conhecer melhor a história do Brasil que não está contada nos livros.”

O professor Miguel Freire elogia o trabalho de Morize, fotógrafo da missão original: “Foi um grande artista. Fazia composições lindíssimas em seus trabalhos.” Freire destaca que a iniciativa de refazer o trajeto de Cruls é de extrema relevância para o país. “No Brasil a gente comemora pouco os nossos estudos, as nossas pesquisas. Fazer esse mesmo percurso é um momento muito interessante. Uma das metas da missão foi mostrar para as novas gerações a importância da primeira expedição, consolidar a proposta de se erguer, em pleno Planalto Central, a nova capital do país”, afirma. A idéia foi abraçada pelo presidente Juscelino Kubitschek e culminou na construção de Brasília, criando assim um pólo de interiorização de desenvolvimento no país.

Tadeu de Araújo Penna, bisneto do criador da Missão Cruls, considera o astrônomo belga um aventureiro. “O Brasil cresceu para o interior após a missão”, assegura. Para ele, é inacreditável que Cruls tenha feito a demarcação do local de Brasília sem nenhum erro. O cineasta Pedro Jorge de Castro também reconhece o pioneirismo de Cruls. “Ele foi buscar e trouxe o futuro do Brasil. Sua expedição foi coroada com a construção de Brasília quase 70 anos depois.” E o astrônomo Ronaldo Mourão resume: “O belga Cruls era mais brasileiro que muitos brasileiros.”

Eduardo Heleno



O Reitor Cícero Mauro Fialho Rodrigues recebe os integrantes da Missão Cruls para o início da nova expedição que teve como ponto de partida a Reitoria da UFF

PROJETO MANAGÉ RECEBE RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

Kátia Vieira

A Organização das Nações Unidas (ONU) escolheu o projeto Managé da UFF como um dos dez melhores programas de desenvolvimento do Brasil. Em 2003 ele recebeu reconhecimento internacional pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud/ONU) ao ser selecionado entre 121 trabalhos avaliados.

O Managé – Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável da Bacia Hidrográfica do Rio Itabapoana é um trabalho pioneiro, desenvolvido há oito anos pela universidade. Idealizado com a proposta de desenvolvimento sustentável, apóia a organização da sociedade de 19 municípios dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais.

O projeto, interdisciplinar, é coordenado pelo professor Airton Bodstein de Barros do departamento de Físico-Química da UFF. Ao longo de três anos, o Managé, venceu diversas etapas. A primeira foi a construção de uma estrutura de gestão compartilhada, que interferia no cotidiano de mais de 650 mil habitantes. O programa sempre procurou respeitar a diversidade e o potencial de cada um dos municípios. No Espírito Santo, abrange as cidades de Apicá, Bom Jesus do Norte, Divino de São Lourenço, Dores do Rio Preto, Guaçuí, Mimoso do Sul, Muqui, Presidente Kennedy e São José do Calçado. Em Minas Gerais, inclui os municípios de Alto Caparaó, Caiana, Caparaó e Espera Feliz. E no Rio de Janeiro, reúne Bom Jesus do Itabapoana, Campos dos Goytacazes, Porciúncula, São Francisco do Itabapoana e Varre-Sai. A cidade mineira de Carangola também foi incorporada ao programa devido às suas características de integração e desenvolvimento regional, e ainda por suas influências sociais, políticas, ambientais e econômicas sobre alguns municípios vizinhos à região. Além disso, está prevista a integração do município de Cachoeiro do Itapemirim (ES).

Abrangendo uma área de 6.083 quilômetros quadrados, o Managé vem atuando na recuperação das condições ambientais alteradas pela ação do homem, como qualidade das águas e matas ciliares (matas que margeiam rios ou lagoas); cobertura florestal das nascentes dos rios, da produtividade dos solos e da ictiofauna (fauna de peixes). Atua ainda na área de educação ambiental, desenvolvimento da auto-estima municipal e regional, estabelecimento de política de geração de trabalho e renda, promoção da saúde, organização social e minimização de conflitos de interesses. Além disso, promove a capacitação de recursos humanos por meio do treinamento de professores, técnicos agrícolas, agricultores, agentes de saúde e atores sociais ligados à administração pública.

E ainda realiza ações emergenciais nas áreas de saneamento básico (tratamento de água, coleta e tratamento de esgotos sanitários, coleta e disposição final de resíduos sólidos), de saúde e de segurança pública.

Segundo o professor Airton Barros, a participação dos diversos agentes sociais é fator fundamental, privilegiando-se o reconhecimento das diferenças individuais, a clareza no entendimento da existência dos diversos grupos de interesse, origens, formação e reagrupamentos por diferentes causas ou objetivos. “É importante reconhecer a necessidade de uma gestão compartilhada entre esses setores, e não tutelada pela União ou estados”, diz.

O maior objetivo do projeto Managé é desenvolver a Bacia do Rio Itabapoana. Para melhor trabalhar esse contexto regional, foi fundamental integrar os

principais atividades econômicas de cada uma. O Baixo e o Médio Itabapoana desenvolvem principalmente o cultivo de cana de açúcar, a pecuária, a pesca e o turismo, além da industrialização de mármore e granito. No caso específico de Campos dos Goytacazes, o petróleo é a principal fonte de recurso e riqueza. O Alto Itabapoana tem como tradição econômica a cafeicultura e a pecuária (gado de leite e corte). Já os municípios de Caparaó e Alto-Caparaó desenvolvem o turismo”, especifica Barros.

O Consórcio de Municípios da Bacia do Itabapoana é uma sociedade civil de direito privado e um instrumento do sistema de gestão integrada. O consórcio vem sendo o principal instrumento de articulação político-administrativa e governamental no Itabapoana, atuando desde 1997, efetuando troca da presidência a cada dois anos.

Além do reconhecimento internacional obtido pelo Managé, o professor Barros também

Divulgação

recebeu o título de Cidadão Honorário dos municípios de Mimoso do Sul, Bom Jesus do Itabapoana e Espera Feliz: “O êxito de nosso trabalho nos propiciou a participação em um grupo restrito que vem estudando propostas para o desenvolvimento regional do país, coordenado pela Casa Civil da Presidência da República.”

Repercussão do Projeto

“O Managé é um dos projetos mais brilhantes envolvendo municípios pobres do Brasil. Seu mérito está no impacto de inteligência estratégica que proporciona ao país, pois a distribuição de cestas básicas não garante o desenvolvimento sustentável. O projeto inova também pela escolha da área, que abrange três estados brasileiros com a proposta de recuperação de 19 municípios. Outro aspecto extremamente positivo do Managé é a criação do

Consórcio Municipal, que se auto financia e não tem interferência política. Com este projeto, a UFF demonstra a importância da área de extensão das universidades, sendo o melhor exemplo de que devemos valorizá-la e, além disso, unir pesquisa e extensão. O projeto tem uma metodologia nova e uma engenharia institucional absolutamente inéditas de participação local e regional.”

Aspásia Camargo - diretora do Centro Internacional de Desenvolvimento Sustentável da Fundação Getúlio Vargas

“O mais importante no projeto Managé é a integração dos municípios do Itabapoana, fazendo uma política unificada e não privilegiando um município em detrimento de outro. O que adianta cuidarmos da água de nossa cidade se os outros municípios não fizerem o mesmo? O Managé atua com uma política integrada em todo o Vale do



O Rio Itabapoana corta os Estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro banhando ao todo 19 municípios

municípios levando-se em conta a articulação entre os aspectos econômicos, a distribuição de renda e a riqueza da própria região. Dentro dessa perspectiva, a área foi subdividida em três microrregiões – Alto, Médio e Baixo Itabapoana. A região do Alto Itabapoana compreende o Alto Caparaó, Caiana, Caparaó, Carangola, Divino de São Lourenço, Dores do Rio Preto e Espera Feliz. A região do Médio Itabapoana inclui as cidades de Bom Jesus do Itabapoana, Porciúncula, Varre-Sai, Apicá, Bom Jesus do Norte, Guaçuí e São José do Calçado. E a região do Baixo Itabapoana engloba Campos dos Goytacazes, São Francisco do Itabapoana, Mimoso do Sul, Muqui e Presidente Kennedy.

Cada uma delas tem potencialidades que são inteiramente respeitadas pelo Managé para que possam ser melhor desenvolvidas. “A divisão em regiões permitiu uma atuação direcionada para o desenvolvimento, onde ficam evidenciadas as

Itabapoana, transformando-o através de seus estudos e ações.”

Miguel Ângelo Motta – Prefeito de Bom Jesus do Itabapoana (RJ)

“O projeto Managé representa para o nosso município o estímulo à participação da comunidade no Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável. Essa participação trouxe um grande avanço, nos ajudando nas decisões importantes de nossa cidade. Outro aspecto positivo é a integração entre as prefeituras, com a criação do Consórcio de Municípios da Bacia do Itabapoana. A iniciativa vem modificando, aos poucos, a cultura de administração, permitindo que ela fique voltada para o desenvolvimento regional. Nos dois últimos anos o projeto foi fundamental, garantindo a assinatura de dois convênios: com o Ministério da Integração Nacional para desenvolver projetos de fruticultura, piscicultura, turismo e agroindústria, e outro com o Sebrae, para qualificar o mercado de trabalho e incentivar a cultura de se unir e se organizar para baixar o custo de produção.”

Tarcísio de Lacerda – Prefeito do Município de Espera Feliz (MG)

“O Managé significa para Muqui prosperidade e desenvolvimento. Muitas ações positivas, dentre elas o associativismo e a diversificação da cultura do desenvolvimento regional são absolutamente

positivas para o crescimento de nosso município, reorganizando politicamente os movimentos populares, as cooperativas e criando o Conselho Municipal de Desenvolvimento Regional. Este projeto

conseguiu reorganizar todos os segmentos de nossa sociedade, sendo hoje, a válvula mestra do desenvolvimento da Bacia do Itabapoana”.

José Paulo Viçosi – Prefeito de Muqui (ES)



O professor Airton Bodstein de Barros, coordenador do Projeto Managé (ao fundo à direita), em reunião com os membros do Consórcio de Municípios da Bacia do Itabapoana

AGENDA ACADÊMICA 2003

DESTAQUE PARA O COMPROMISSO SOCIAL



Planejar ações que integrem pesquisa, ensino, extensão e cultura, tornando visível a universidade, sua abrangência e unidade, além de proporcionar um espaço de convivência democrática a favor da melhoria permanente de sua produção. Esses são os principais objetivos da Agenda Acadêmica que é, atualmente, o maior evento da UFF, reunindo, ao mesmo tempo, a Semana de Monitoria, Semana de Iniciação Científica e a Semana de Extensão. A abertura do encontro, que foi realizado entre os dias 3 e 7 de novembro do ano passado, contou com a apresentação da Orquestra de Cordas, formada por crianças e jovens carentes do bairro da Grota do Surucucu, em Niterói.

De acordo com o coordenador da 8ª Semana de Extensão, Antônio Lyra, o tema de

2003 foi sugerido pelos próprios participantes do último evento. Destacando o aspecto social em todas as atividades, a Semana “Compromisso Social: UFF em Movimento” teve sua organização ampliada. Estavam reunidos vários setores da universidade, como as quatro pró-reitorias, a Superintendência de Desenvolvimento e Pesquisa Institucional (Sudepi), o Centro de Artes UFF e o Núcleo de Comunicação Social (Nucs).

A programação da Agenda Acadêmica 2003 reuniu uma pluralidade de temas: meio ambiente, saúde, educação infantil de jovens e de adultos, avaliação escolar, responsabilidade e cidadania, esporte, programas de atendimento ao idoso e importância da criatividade, teatro, inclusão social/movimentos sociais, educação previdenciária e muito mais.

A Agenda teve grande participação tanto de estudantes quanto da comunidade. As oficinas de vivência em grupo e “Psicodrama no Contexto Social como Agente de Mudanças” foram um sucesso, e para 2004 devem ser

criadas duas turmas para cada oficina. Outro destaque da programação foi a mesa-redonda “Segurança Pública e Cidadania”, que também reuniu um expressivo número de participantes, grande parte formada por alunos do ensino médio. O ponto alto da Agenda foi o Encontro Intergeracional – Idoso em Movimento, que além de lotar a tenda externa instalada no Gragoatá, contou com uma audiência tão ativa que ultrapassou as quatro horas previstas. Em 2004, o tema será meio ambiente e qualidade de vida, e a novidade fica por conta da suspensão das aulas durante a Agenda Acadêmica para que os alunos possam participar ainda mais.

De acordo com a avaliação da coordenadora da Agenda, Cláudia Maria Costa Alves, “há muito que se corrigir no evento que, a partir deste ano, integra o calendário da universidade. Entretanto temos consciência do importante fórum que realizamos sobre a questão social do país e do mundo, comprometidos que somos com o bem-estar e o desenvolvimento pleno de cidadão”.

Priscilla Mansano e Luiza Peluso

VIOLÊNCIA E NARCOTRÁFICO: UMA COMBINAÇÃO EXPLOSIVA

Pamela Archontakis e Daniel Braga

Ele é famoso, bilionário e faz questão de aparecer, embora não deixe pistas dos principais detalhes de sua intimidade. Manchete quase diária nos meios de comunicação, sua principal característica é o “talento” para movimentar muito dinheiro, comprar pessoas e destruir vidas. O narcotráfico é assim: brutal e impiedoso mas, para muitos é um “negócio da China”.

As cifras são alarmantes: em 2000, o comércio de entorpecentes movimentou, no mundo inteiro, cerca de US\$ 1,5 trilhões de dólares, uma economia que supera o PIB do Canadá.* E no Brasil, a cada ano, o narcotráfico é responsável pela lavagem de US\$ 15 bilhões de dólares – o equivalente a 3% do PIB nacional.**

Segundo maior setor de movimentação econômica do planeta – perdendo apenas para o petróleo –, o tráfico de drogas também tem sido um dos grandes responsáveis pelo estrondoso aumento da violência no Rio de Janeiro nos últimos anos. Para se ter uma idéia, no período de 1985 a 1991, houve 70.061 homicídios no município, enquanto que nos sete anos da Guerra do Vietnã foram mortos 56 mil americanos.***

O que aconteceu, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, para que a situação chegasse a esse ponto? Muitos falam em impunidade, outros na total ausência do poder público e há ainda os que responsabilizam a polícia, destacando o fato de que está desaparelhada, maltreinada, despreparada para enfrentar os traficantes. Três professores da UFF foram entrevistados sobre o tema e, por meio de suas análises, é possível compreender um pouco mais a situação existente e perceber toda a sua complexidade.

Jogos de poder

No “tabuleiro” do narcotráfico, algumas peças foram cruciais para que ele alcançasse a dimensão atual.

Eduardo Heleno



*Roberto Kant:
“Eu poderia dizer também que quem patrocina o tráfico é a lei que proíbe o uso de certas drogas e autoriza o uso de outras”*

A primeira delas data do século XIX e seu criador, o Barão de Drummond, talvez não imaginasse que, um dia, seria usada no comércio de entorpecentes. É o que revela o professor do Departamento de Geografia da UFF, Helio de Araujo Evangelista, em sua pesquisa *O Rio de Janeiro: violência, jogo do bicho e narcotráfico segundo uma interpretação*, obra recém-publicada. Nela, o estudioso descreve a trajetória do jogo do bicho no Rio de Janeiro.

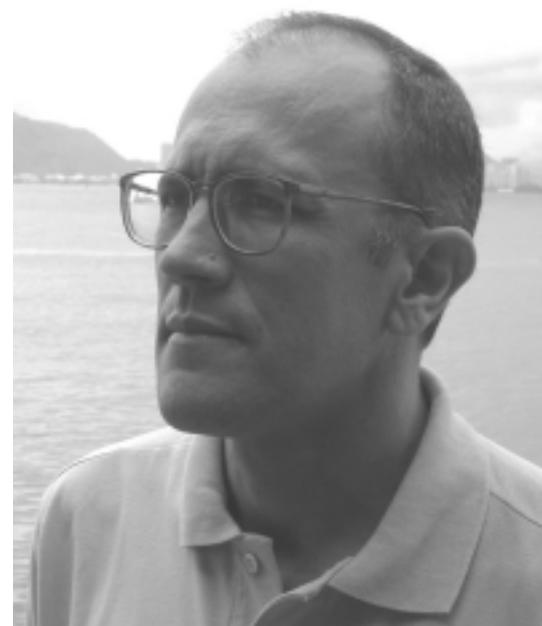
Criado em 1892 para dar fim à profunda crise financeira enfrentada pelo Jardim Zoológico do Rio, o jogo se transformou, mais de um século depois, em ponte para o estabelecimento do tráfico na cidade. Esse processo foi gradual e contou com alguns fatores importantes. Um deles era a realidade suburbana, menos *glamourosa* que o dia-a-dia dos moradores da Zona Sul carioca. “Em direção aos subúrbios, pela linha de trem, nós tínhamos uma economia informal, e mais especificamente o jogo do bicho, a ‘fezinha’ da população mais pobre. Esse costume foi deitando raízes nos hábitos populares e justificando a construção de uma verdadeira rede de contatos, um histórico, uma relação de lideranças e traços de fidelidade entre diferentes grupos e pessoas”, explica Evangelista.

Ao longo do tempo, a trajetória da “fezinha” foi marcada por violentos conflitos entre os bicheiros pelos pontos de venda, pelas respectivas áreas de influência ou ainda quando surgiam novos quadros que pretendiam entrar no “negócio”. Esse cenário, por si só cheio de conflitos, iria sofrer uma importante modificação com a introdução da cocaína na cidade do Rio de Janeiro.

O aliado que vem de fora

Até 1970, a Cidade Maravilhosa já servia de local de passagem para as drogas enviadas aos Estados Unidos e à Europa. A partir de então, com a chegada da cocaína, o Rio passou a ser também forte consumidor de entorpecentes. Além disso, o comércio do jogo do bicho foi fortemente impelido a se aliar ao narcotráfico internacional, pois, segundo Evangelista, a nova forma de ganhar dinheiro soou como um desafio aos bicheiros. Assim, os contraventores do jogo do bicho tiveram de escolher entre ficar de fora do “negócio” – e, conseqüentemente, não ter acesso aos altíssimos lucros gerados por ele – ou se aliar, de alguma forma, aos traficantes, que “poderiam trazer problemas aos seus interesses, porque entrariam em circuitos informais, como corrupção de autoridades e suborno”, diz o professor.

Alguns bicheiros optaram, então, por mostrar o caminho das pedras ao narcotráfico: ofereceriam sua rede de contatos – facilitando o monitoramento das atividades dos traficantes – e, em troca, participariam dos lucros da nova “economia”. Estava formada, assim, uma aliança que atuaria de forma mais coesa até a década de 1990, quando, por meio de um processo judicial instaurado pela juíza Denise Frossard, o prestígio dos bicheiros seria fortemente afetado.



Eduardo Heleno

Helio Evangelista: “O combate ao narcotráfico (...) geralmente é visto de uma perspectiva policial (...). Mas não se investiga a engrenagem financeira que passa por bancos e que sustenta a malha de fornecimento de drogas e de armas”.

Ascensão e queda

A pesquisa realizada pelo professor Helio Evangelista apresenta dados sobre o começo do fim da notoriedade dos bicheiros, observada principalmente na década de 80. Segundo a pesquisa, que utiliza informações do *Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro* para os anos 1999-2000, do total de crimes cometidos em 1992 (em torno de 51 mil), apenas 26 foram motivados por envolvimento com o jogo do bicho. E entre os anos de 1993 e 1999, embora o número de ocorrências tenha aumentado significativamente, a criminalidade relacionada ao jogo do bicho diminuiu de forma considerável. De acordo com o professor, isso “indica uma clara política em coibir o jogo do bicho”, mas, simultaneamente, “não parece que esta política de cerceamento tenha tido um efeito notório contra o narcotráfico”.

Com o desgaste sofrido pelos bicheiros, novas lideranças começaram a aparecer. Data dessa época, por exemplo, o surgimento do chamado Terceiro Comando, facção oposicionista ao Comando Vermelho, que tinha, até então, “uma certa hegemonia no imaginário transmitido pela imprensa sobre os grupos envolvidos com o narcotráfico”. Ainda assim, a relação jogo do bicho–narcotráfico não terminaria, apenas ficaria debilitada. “Ao longo da década de 90, parece ter ocorrido um pesado choque de interesses. Ocorreu uma ruptura entre as duas trajetórias, de tal modo que o narcotráfico continuou sua ascensão, e o jogo do bicho a sua trajetória de decadência”, afirma Evangelista.

Narcotráfico & Violência S.A.

Os contraventores do jogo do bicho defendiam e controlavam territórios. Já os narcotraficantes criaram outro tipo de controle, de “comando”: a chamada organização do tráfico. Segundo o professor e doutor em Psicologia da Educação da UFF Dalcly Fontanive, o tráfico se sofisticou nas últimas décadas, chegando a ponto de seguir modelos empresariais de atuação. “Ele está armado das tecnologias e conhecimentos que toda empresa e toda grande organização precisam ter para se manterem”, diz. Além de formar “funcionários” para seus quadros e se militarizar com impressionante

facilidade, atualmente o narcotráfico adquiriu *status* de Estado paralelo também no Rio de Janeiro. “O narcotráfico, até 2002, era visto sob uma perspectiva estritamente financeira e lucrativa. Depois disso, passa a ser instrumento de intimidação, criando um poder maior de barganha. Hoje existe um processo de tentativa de se fazer render a cidade e de tornar as autoridades propensas a abrir certos tipos de franquias”, afirma o professor Helio Evangelista.

Todo esse poder do narcotráfico não parece ter sido exatamente conquistado mas, de certa forma, até mesmo permitido. Principalmente no cenário político, onde ainda é possível observar o uso do discurso da segurança pública para a obtenção de votos. De acordo com Evangelista, existe uma utilização da questão do narcotráfico visando a objetivos eleitorais. “O narcotráfico é um artigo político. Então, não raro, existem campanhas de pessoas que focalizam essa questão da segurança, fazendo uso instrumental desse problema”, ressalta o pesquisador.

Caso de polícia?

Até há bem pouco tempo, os agentes do tráfico atuavam em uma área de “penumbra” e suas ações permaneciam restritas a certos pontos, envolvendo um número limitado de pessoas. Atualmente, as mafiosas “leis” do tráfico são aplicadas à luz do dia, em qualquer esquina, atingindo qualquer pessoa. Diante desse quadro de total insegurança, a população, desconhecendo a complexidade da questão do tráfico, deseja soluções imediatas e efetivas. E algumas autoridades reagem destacando um sem número de policiais que fazem apreensões recordes de armas e não economizam na hora de atirar. Para o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política da UFF e do Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas (Nufep), professor Roberto Kant de Lima, a visão que se tem do problema é limitada e retrógrada. “Somos 170 milhões de habitantes. Para resolver o problema, precisaríamos colocar 65 milhões vigiando os outros 65”, ironiza. O professor afirma também que a questão da violência é vista sob um prisma estritamente repressivo. “Uma vez que temos uma cultura em que é premiado todo aquele policial que dá tiros em bandido, enquanto é esquecido aquele que consegue evitar o confronto, se torna difícil abordar o assunto de forma adequada. A questão não pode ser tratada somente do ponto de vista prático, imediato, e sim de uma forma preventiva e com preocupação pelo social”, assegura.

Por ser um assunto complexo, a violência gerada pelo narcotráfico não tem soluções mágicas, instantâneas. “Armar a Guarda Municipal, por exemplo, é fazer mais do mesmo. Se quiserem mais gente armada, praticando mais violência, haverá mais gente armada, mais tiros e mais balas perdidas”, enfatiza o professor.

Sobre as campanhas veiculadas pela mídia que afirmam que os patrocinadores do narcotráfico seriam os próprios usuários, Kant é incisivo: “Eu poderia dizer também que quem patrocina o tráfico é a lei que proíbe o uso de certas drogas e autoriza o uso de outras. Esta lei cria o tráfico, pois está formando um mercado ilícito de um produto desejado.” Segundo o professor, a visão que se tem do assunto é totalmente distorcida. “Todos

nós somos usuários de alguma droga, seja ela cerveja, cigarro, maconha ou remédios para dormir. No mundo inteiro é consenso que o problema está no uso patológico das drogas, quando o indivíduo passa a abusar delas”, afirma.

“Armar a Guarda Municipal é fazer mais do mesmo. Se quiserem mais gente armada, praticando mais violência, haverá mais tiros e mais balas perdidas”

Para o professor Dalcly Fontanive, além de equivocada a análise feita sobre a realidade das drogas é insuficiente quando se desconhece a diferença entre dois personagens: o traficante e o “trabalhador do tráfico”. “O traficante é aquele que assume a transgressão e a comercialização proibida das drogas. O ‘trabalhador do tráfico’ é quem faz disso um meio de subsistência, de sobrevivência”, ressalta. Para Fontanive, essa distinção não pode passar despercebida. “Acho que a polícia não deve tratar o trabalhador do tráfico da mesma forma que age em relação ao traficante”, conclui.

Sociedade dependente

Autor da pesquisa *Universidade, educação e drogas*, publicada pelo CNPq em 1999, o professor Dalcly Fontanive, que é especialista na questão das drogas no ambiente universitário, revela que 10% da população mundial dependem de algum tipo de droga. De acordo com sua pesquisa, 26,5% dos universitários são dependentes. No primeiro lugar do *ranking* estão as drogas lícitas, seguidas das drogas ilícitas (ver tabela ao lado com a pesquisa realizada em quatro universidades do Rio de Janeiro).

Qual a explicação para esse fenômeno? Segundo Fontanive, a resposta pode estar na inversão de valores por que passa a atual sociedade. “Estamos em um mundo onde se vive muito em função do prazer imediato e onde se valoriza muito mais a questão do ter do que a do ser. É um mundo que aceita a idéia de existir uma espécie de ‘paraíso’ aqui na Terra. Esse aceno de um paraíso terrestre é enganador e o mesmo acontece com a droga. Ela te oferece um monte de coisas, só que, quando ela acaba, te deixa na pior”, explica.

Possíveis saídas

O consenso entre os especialistas sobre a solução para a violência desenfreada e a expansão do narcotráfico é de que não se trata de assunto exclusivamente policial. Para o professor Helio Evangelista, “o combate ao narcotráfico é geralmente visto sob uma perspectiva policial: bota polícia, dá tiro, mata. Mas não se focaliza a engrenagem financeira, monetária, que passa por bancos e que sustenta essa malha de fornecimento de drogas e de armas. É um combate que se faria sem dar um tiro”, ressalta. Evangelista afirma que o governo tem de se empenhar na investigação do chamado dinheiro sujo. “O Banco Central é um órgão próprio para o reconhecimento de contas bancárias que são um tanto anômalas. Isso merece investigação. Mas tem de

haver consenso político que torne isso prioridade, porque fica difícil para um funcionário do Banco Central, por exemplo, trabalhar sem respaldo institucional e policial”, alerta.

Para o professor Roberto Kant de Lima, uma saída seria investir em ações conjuntas. “O problema da violência será resolvido com atitudes inteligentes, integradas aos diversos setores da sociedade”, diz. Já Fontanive vê a questão das drogas como um reflexo da própria sociedade atual. “A droga é uma radiografia da sociedade. Ela revela os curto-circuitos que existem nela e, portanto, não é uma questão de polícia, mas de educação”, conclui.

Daniel Braga



Dalcly Fontanive: “Noventa por cento das internações por doenças decorrentes de drogas são resultantes de drogas lícitas, especialmente tabaco e álcool”

Distribuição dos usuários habituais por tipo de drogas

Total geral de entrevistados: 2.631	
Total de usuários habituais (dependentes): 669	
Total e percentual de usuários habituais por droga:	
Número de usuários/Percentual	
Fumo: 260	9.88%
Álcool: 96	3.65%
Medicam. psicotrópicos: 168	6.39%
Maconha: 147	5.58%
Cocaína: 24	0.91%
Heroína: 4	0.15%
Total: 669	26.56%

Fonte: “*Universidade, Educação e Drogas*”, pesquisa do professor Dalcly Fontanive publicada pelo CNPq em 1999

* Revista *Caros Amigos*, ano VI, número 70, janeiro de 2003.

** Agência Estado, 29/3/2001.

*** *Violência e narcotráfico no Rio de Janeiro: perspectivas e impasses no combate ao crime organizado*, tese defendida por Ricardo Vélez Rodriguez na Universidade Federal de Juiz de Fora.

VERDADES E MENTIRAS SOBRE UMA TAL RIO DE JANEIRO

Arquiteto questiona pontos da história oficial da cidade

Mariana Mello de Medeiros

Você sabia que com a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil chegaram à cidade do Rio de Janeiro cerca de 500 pessoas ao invés de 15 mil como se costuma dizer? E quando é que foi feito o primeiro cadastro imobiliário do município? Quem eram os principais artistas, músicos e arquitetos da cidade no século XVIII? Qual foi a origem do seu problema de alagamento? Todas essas respostas e outras informações estão reunidas no livro *O Rio de Janeiro Setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte*, resultado da tese de doutorado em História pela UFRJ do professor Nireu Oliveira Cavalcanti, diretor da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFF.

Ao longo de 20 anos, o Rio de Janeiro foi tema de estudo do professor, que fez um profundo levantamento de todas as informações importantes para a compreensão de como a cidade se constituiu no século XVIII. Segundo ele, o objetivo do livro é fornecer um panorama completo de como era e vivia a sociedade da época, e de que forma isso se refletiu na construção do espaço urbano. “No processo de criação de uma obra arquitetônica e urbanística, quem projeta deve considerar o agente que gerou a necessidade da obra, quem irá construí-la e quem a usará. Para entender esse processo tive de estudar a organização do Estado, as organizações religiosas e laicas, os profissionais projetistas e construtores, enfim, a sociedade do século XVIII. Dessa forma, procurei entender como se formou então a cidade e como isso influenciou os arquitetos e engenheiros militares na criação de suas obras”, ressalta ele, que classifica o livro como uma espécie de “história urbana”.

Nireu Cavalcanti descreve de que forma o processo de deslocamento da cidade, da Urca para o Morro do Castelo, e o crescente aterramento de canais e lagoas contribuíram para o problema crítico de alagamento do Rio. “Eles foram aterrando, e derrubada

partiram para a dos morros, o que causou perda da área de fundação. Foi uma ocupação mal feita pela qual pagamos até hoje”, explica.

O livro revela que a expulsão dos jesuítas, em 1759, foi fundamental para a expansão da cidade, principalmente em

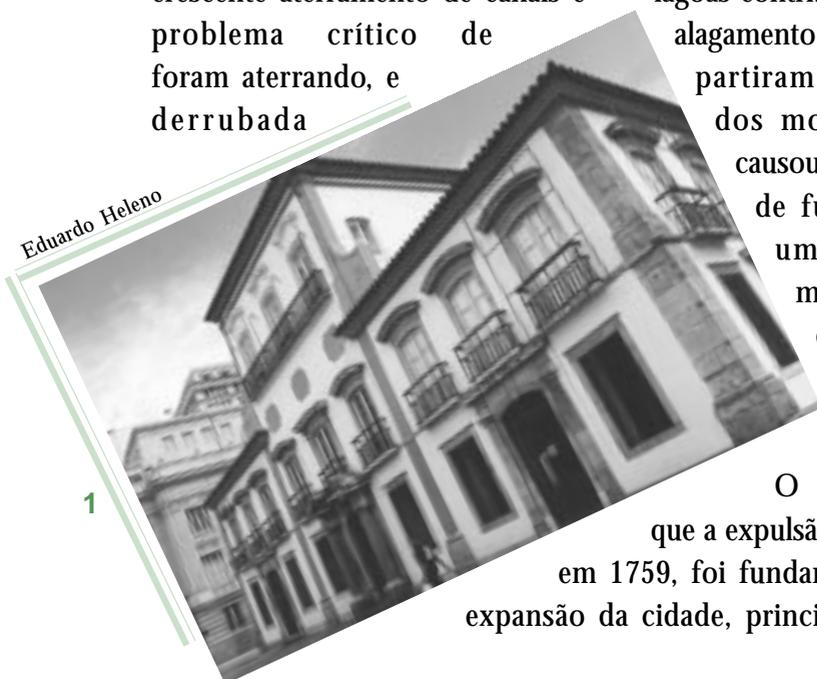
direção ao Estácio e Rio Comprido, já que essas terras eram particulares e pertenciam aos jesuítas. “A cidade não pôde crescer na direção da Zona Norte, sendo privilegiada a Zona Sul, por estar em terras públicas”, esclarece.

Outro episódio que prejudicou o crescimento do Rio foi a relação de Portugal com as colônias. Segundo o professor, a Coroa deixava muito pouco dos impostos que recolhia na cidade, apenas o suficiente para fazer funcionar a máquina administrativa, militar e religiosa. Qualquer obra de grande porte obrigava as autoridades que aqui estavam a pedirem ao rei o dinheiro para sua realização: “Quando o rei consentia, o valor era sempre abaixo do solicitado e ele só aprovava a construção de prédios do interesse da administração. Só havia dinheiro para obras de fortificações e para aumentar a tropa militar. Nessas condições, era difícil o Rio concorrer com Lisboa.” Além disso, o rei proibia os ricos da cidade de construir suas casas com luxo, e de possuírem seus móveis com adornos de ouro ou prata, exceto nas edificações religiosas. Eles também não podiam fazer festas com muita pompa.

Uma sociedade de livro e música

Nireu Cavalcanti afirma que, nessa época, lia-se muito no Rio de Janeiro. Existiam três livrarias na cidade, o que para o volume da população era um número bem expressivo. Ele destaca que uma destas livrarias tinha cerca de 400 títulos sobre os mais variados assuntos. Para se ter uma idéia de como o ramo era rentável, no final do século XVIII, dois famosos livreiros portugueses enviaram seus filhos para o Rio, a fim de que investissem no setor. Segundo o pesquisador, os livros mais lidos, por ordem de preferência, eram os religiosos, seguidos pelos de história geral, literatura, poesia, teatro e óperas, entre outros.

A vida artística na cidade era bastante movimentada. A música e o teatro eram as formas de arte mais apreciadas na sociedade colonial. A música estava presente nas festas de nascimento, casamento, coroação de reis, na chegada de autoridades e em cerimônias religiosas. O espetáculo teatral era encenado nas grandes festas e nos prédios destinados a esse fim. “O primeiro teatro pertenceu ao empresário Boaventura Dias Lopes que ordenou-se padre depois do falecimento de sua mãe. Essa casa ficava na atual Rua da Alfândega e chamava-se Casa da Ópera, gênero muito apreciado no Rio colonial. Depois que a cidade abrigou a sede do vice-reinado, o padre Boaventura construiu outro teatro, ao lado do palácio do vice-rei – hoje o prédio do Paço Imperial. O novo teatro foi batizado de Ópera Nova e o anterior de Ópera Velha”, diz. As músicas mais ouvidas na época eram as religiosas, as óperas, modinhas, lundus e folguedos de influência africana.



Eduardo Heleno

O livro desfaz a história oficial e a reconstrói, por meio de uma análise documental, mostrando quem eram os artistas e músicos mais influentes, suas biografias e obras, e outros mitos, que, após o estudo, se revelaram falsos. Como a história que se conta de que o pintor Manuel da Silva e o Mestre Valentim (os nomes mais importantes da arte na época) teriam deixado a cidade para estudar em Portugal – coisa que não aconteceu. Isso revela que todo o conhecimento e técnica desses artistas é genuinamente brasileiro.

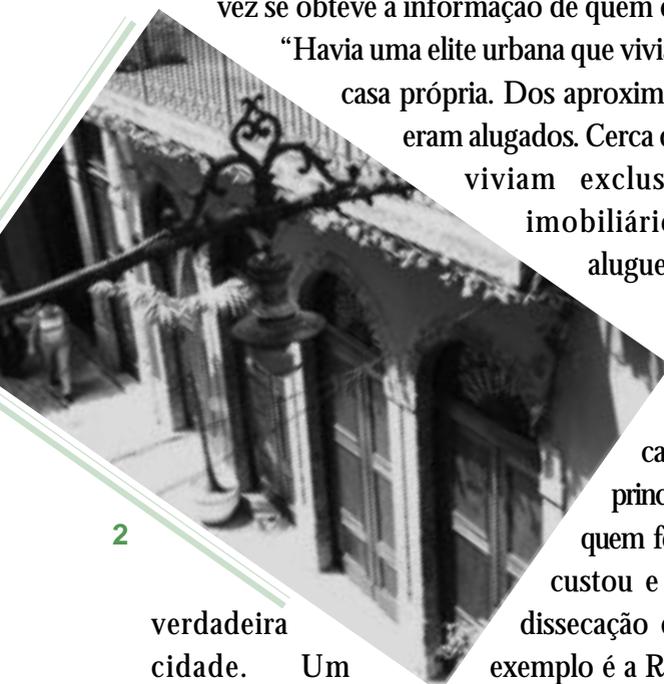
Arquitetura cadastrada

A terceira parte do livro é dedicada à análise urbanística da cidade, por meio, inclusive, de documentos inéditos. Nireu Cavalcanti conta que, com a implantação da Décima – imposto provisório de 10% sobre todas as rendas, principalmente sobre os salários dos funcionários públicos e o aluguel dos imóveis situados em cidades e vilas à beira-mar –, foi feito o primeiro cadastro imobiliário da cidade. Para isso, foram criadas comissões por bairro que descreviam os imóveis, informando, por exemplo, se era alugado e quem era o dono, dando-lhes inclusive numeração. De acordo com o professor, pela primeira vez se obteve a informação de quem era quem no Rio de Janeiro.

“Havia uma elite urbana que vivia de aluguel. Poucos tinham casa própria. Dos aproximados 7,5 mil imóveis, 5 mil eram alugados. Cerca de 60% desses proprietários viviam exclusivamente do mercado imobiliário, da compra, venda e aluguel”, esclarece.

O livro faz um levantamento do formato externo das edificações de cada bairro e um estudo das principais construções, informando quem foi o autor do projeto, quanto custou e quem construiu – uma dissecação da arquitetura das ruas da cidade.

Um exemplo é a Rua Primeiro de Março que, no século XVIII, era uma das mais movimentadas da cidade, atraindo o comércio e pessoas influentes da Colônia. A via conserva até hoje um precioso acervo histórico, como o Paço Imperial, o Convento do Carmo (ocupado pela Universidade Cândido Mendes),



2



Eduardo Heleno

3



Eduardo Heleno

4

as igrejas de São José e da Cruz dos Militares, e o Arco do Teles. A imagem que se tem hoje da Praça Quinze é bem diferente da que se tinha na época: a Capela de Nossa Senhora do Ó foi derrubada para ligar a praça à Rua Sete de Setembro.



O livro conta com um acervo documental inédito pesquisado, principalmente, nos arquivos da Biblioteca Nacional, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Arquivo Nacional e Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Em Lisboa, foram analisados o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, o Arquivo Histórico Ultramarino, a Biblioteca Nacional e o Arquivo Histórico do Tribunal de Contas, além dos arquivos das cidades de Évora e Braga.

Nireu Oliveira Cavalcanti tem 59 anos, é alagoano, casado e tem dois filhos. Ingressou na UFF em 1974, lecionando Plástica e Perspectiva no IACS. Em 2003, assumiu a direção da Escola de Arquitetura e Urbanismo, sendo também professor da graduação e do mestrado. Ele é autor dos livros *Construindo a violência urbana* e *Rio de Janeiro – Centro Histórico (1808-1998): Marcos da Colônia*. Atualmente, desenvolve as pesquisas *Formação das famílias no Rio de Janeiro Colonial*, com auxílio da Faperj; *Cartografia da cidade do Rio de Janeiro: 1800-1890*, com bolsista da UFF e *Moradia no Rio Colonial*.



Eduardo Heleno

Foto 1 - Paço Imperial e Fotos 2, 3 e 4 - detalhes da Rua do Arco do Teles, no Centro do Rio

UFF PARTICIPA DE PÓLO EM VOLTA REDONDA

Fernanda Gomes

Cristina Ruas



O Reitor Cícero Mauro Fialho Rodrigues participa do evento inaugural em Volta Redonda

A UFF assinou em novembro o protocolo de intenções de criação de um pólo de universidades na região do Médio Vale do Paraíba. Também fazem parte do projeto a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

O evento, chamado “Diálogo de Concertação”, realizado no município de Volta Redonda, foi organizado pela Secretaria Especial do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, Ministério da Educação, Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e BNDES. A proposta, pioneira no país, tem como objetivo a integração e interiorização das universidades públicas do estado, criando um pólo universitário que oferecerá ao público cursos de graduação, de acordo com estudo previamente realizado para melhor adequação da demanda local.

Na ocasião, estiveram presentes o secretário especial do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, Tarso Genro; o presidente do BNDES, Carlos Lessa; o secretário de Educação Superior do MEC, Carlos Antunes; o presidente da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Benjamin Steinbruch; a deputada estadual Cida Diogo, além dos reitores das universidades e os prefeitos das cidades envolvidas.

Das universidades fluminenses, a UFF é a que tem o processo mais avançado de interiorização. Três cursos de Engenharia já funcionam em Volta Redonda: Metalúrgica (desde 1961), Mecânica e de Produção (ambos criados em 2000). A UFF conta também com cursos em Angra dos Reis, Arraial do Cabo, Bom Jesus do Itaboapana, Cabo Frio, Campos dos Goytacazes, Itaperuna, Macaé, Miracema, São João de Meriti e Santo Antônio de Pádua. Além desses, está previsto para este ano o início das atividades do seu mais novo *campus*, em Rio das Ostras.

Segundo o reitor da UFF, professor Cícero Mauro Fialho Rodrigues, “o pólo é importante por dois motivos: primeiro, pela expansão da universidade e segundo, pelo investimento do MEC, que aumenta o número de vagas, uma necessidade no momento”. Para Cida Diogo, “o projeto de levar para o sul do estado essas universidades irá alavancar o desenvolvimento econômico e social da região”.

Após a assinatura do protocolo, foi criado um grupo executivo que se reuniu para traçar um projeto inicial. Representaram a UFF nesse primeiro encontro o chefe de Gabinete do Reitor, Luiz Antônio Botelho Andrade, e a assessora do reitor, Jandira Thompson. O próximo passo é um encontro dos reitores das universidades envolvidas com o Ministério da Educação, quando uma equipe será criada para iniciar o estudo do projeto do pólo.

As universidades terão mais quatro meses para definir os cursos que serão oferecidos e em março será divulgada a conclusão desse estudo. O primeiro vestibular está previsto para o segundo semestre. A sede do pólo será no escritório central do edifício da CSN, em Volta Redonda. O BNDES fornecerá recursos para a implantação e as prefeituras, para os custos de manutenção.

PROJETO INTEGRA UNIVERSIDADES DA AMÉRICA DO SUL

Fernanda Pimentel

O ex-ministro da Educação Cristovam Buarque nomeou os professores da UFF Gisálio Cerqueira (Ciência Política) e Gizlene Neder (História) para participar da comissão que irá elaborar, em 90 dias, o projeto Universidade Regional para a Integração da América do Sul (Unir). O objetivo é estimular a aproximação entre as universidades e centros de pesquisas de destaque do continente sul-americano.

A indicação dos professores, segundo Cerqueira, “atesta a excelência da área humana na universidade, além de conferir visibilidade ao Laboratório Cidade e Poder”. Ele e Gizlene atuam no laboratório há 11 anos e seu trabalho aponta para grandes resultados de produtividade.

O diferencial do Unir é incentivar o intercâmbio cultural entre as várias instituições de ensino por meio de outras formas de organização e dinâmica acadêmicas, já que as trocas culturais serão suas principais metas. De acordo com Cerqueira, “o Brasil está disposto a isso. Vamos trabalhar de forma transdisciplinar por meio de laboratórios, com observação de problemas, e núcleos, para analisá-los, propor iniciativas e formas de ação”. Convênios e acordos em escala continental também fazem parte dos planos para o Unir. Grupos de pesquisa serão convidados a se inserir por meio de palestras, cursos de graduação, especialização e pós-graduação, além de seminários e colóquios.

Arquivo



Os professores da UFF Gizlene Neder e Gisálio Cerqueira foram nomeados para participar do Projeto Universidade Regional para a Integração da América do Sul

O professor Cerqueira ressalta que a integração não ficará somente nos estudos acadêmicos. “Vamos levar o debate ao Itamaraty, aos empresários, aos militares, políticos, esportistas e ao setor de turismo. Queremos uma intensa participação estudantil. O ministro da Cultura, Gilberto Gil, disse-nos que o Unir deve ser uma ‘universidade dançarina’, no sentido de ter flexibilidade, movimento e assumir novas posturas. Há um grande anseio por essa integração sul-americana”, afirma.

A verba necessária para o projeto ainda está em discussão, mas, de acordo com Cerqueira, os recursos virão das agências de fomento e dos ministérios da Educação e da Ciência e Tecnologia dos países membros. “Vamos correr atrás, mas queremos, sobretudo, maximizar a utilização dos recursos humanos e financeiros existentes”, explica.

A comissão está trabalhando no Palácio Gustavo Capanema, sede da representação do MEC no Rio de Janeiro. A equipe conta com o filósofo Ivair Coelho Lisboa (Ucam/Uerj), o economista Teodoro Buarque de Holanda (consultor na Alerj) e os juristas Luiz Antônio Cunha Ribeiro (Ucam) e José Geraldo de Souza Jr. (UnB e consultor jurídico do MEC). Os outros colaboradores do projeto são os advogados Natalie de La Cadena e Saulo Costa de Carvalho, o sociólogo Dilson Motta (Uerj), o pesquisador em Matemática, Carlos Eduardo de Sena e o economista e consultor Bartolomeu Buarque.

VOCÊ TAMBÉM PODE SALVAR UMA VIDA

Curso de primeiros socorros da UFF é pioneiro no Brasil

Priscilla Mansano

Divulgação



Aula prática do Grupo de Primeiros Socorros

“Calma que eu estou com pressa.” Esse é o lema do grupo de Primeiros Socorros da UFF, primeiro do gênero no país. A equipe, formada por 50 instrutores, conta com professores, estudantes, profissionais de Medicina, Enfermagem e Educação Física.

Destaque da Agenda Acadêmica 2003, o grupo chamado Suporte Básico de Vida no Trauma

(SBVT) fez uma demonstração prática das técnicas de resgate. Do alto do prédio da Faculdade de Educação, os integrantes da equipe desceram com equipamento de resgate vertical, mostrando que a operação deve ser feita com calma e ao mesmo tempo de maneira rápida e segura.

Utilizando equipamento de segurança, o grupo parou o Gragoatá com as descidas de rapel, encenando um resgate de difícil acesso. Cerca de 50 alunos participaram da prática e tiveram a chance de aprender os procedimentos da massagem cardiorrespiratória. A equipe também fez a simulação de um acidente de carro e orientou como deve ser feita a extricação, isto é, a retirada da pessoa de dentro do veículo.

Agenda cheia

O SBVT também ministra cursos para empresas privadas na área de segurança do trabalho e prevenção de acidentes. Exemplo disso foi a experiência realizada com uma empresa de reciclagem de Barra Mansa, onde as coqueiras simularam um acidente na cozinha, sem que os operários soubessem que era um teste.

A equipe foi convidada para dar aulas para pilotos de companhias aéreas, para o Corpo de Bombeiros de Niterói e Goiás e para as prefeituras de Duque de Caxias e São João de Meriti. Segundo a coordenadora do SBVT, Andréia Escudeiro, é importante que todos saibam prestar os primeiros atendimentos a uma pessoa acidentada: “Não é difícil. Basta a pessoa ter um pouco de conhecimento prático e teórico.”



Arnold Zárate Aldana

O grupo tem cursos de resgate em locais de difícil acesso (água/terra/ar), primeiros socorros para professores do ensino fundamental e médio, para escoteiros e ainda cursos de alpinismo industrial, arborismo, rapel, *cannion* e técnicas de resgate vertical básico e avançado.

Andréia ressalta que o SBVT está promovendo cursos de capacitação de médico perito do Detran/ Abramet (Associação Brasileira de Medicina e Engenharia de Tráfego). Além disso, o grupo organizou e ministra o curso de pós-graduação em CTI Adulto – área de concentração de emergência da Escola de Enfermagem da UFF. “Também já estão programados um curso para os funcionários de uma firma alemã de próteses ortopédicas e neurocirúrgicas e uma demonstração de resgate aéreo no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle da Uni-Rio”, conclui.

Histórico

O curso de Primeiros Socorros da UFF foi criado em 1992 como disciplina eletiva para alunos de Enfermagem, e hoje já conta com 114 alunos. Foi regulamentado em 2002 pela portaria 2.048 do Ministério da Saúde, que também dita as regras para o funcionamento dos núcleos de capacitação em emergência para profissionais da área de saúde ou de outras áreas. Atualmente, é ministrado para os alunos de Nutrição, Medicina e Contabilidade. A Faculdade de Farmácia também solicitou a disciplina. Além disso, o SBVT criou o curso de extensão Educação em Urgências para profissionais oriundos ou não da área de saúde. Qualquer curso de graduação da UFF pode ter a disciplina como eletiva. Para isso, basta entrar em contato com a equipe pelo e-mail: ape_sbvt@vm.uff.br.



Divulgação

Demonstração do procedimento de respiração “boca-a-boca” durante o curso de Primeiros Socorros

**FESTA DO ROSÁRIO: ICONOGRAFIA
E POÉTICA DE UM RITO**


Autora:
Patrícia de
Araújo Brandão
Couto*
EdUFF/2003
268p.
R\$25,00

A Festa do Rosário é um dos mais importantes meios de construção de uma ordem social própria que se situa paralelamente à ordem social dominante.

A coexistência de dois sistemas religiosos distintos se articulam nesse ritual: as práticas religiosas coordenadas pela Igreja Católica e os códigos rituais dos congadeiros, considerados por eles como expressão dos valores culturais de seus fundadores, os escravos africanos enviados para a região das minas durante o período colonial.

O livro é um estudo etnográfico da Festa do Congado de Nossa Senhora do Rosário (Bom Despacho, Minas Gerais). O alimento é seu princípio essencial e motor, pois representa o caráter sacrificial da promessa e o pagamento material de uma dívida com o divino.

Temos o prazer de mostrar ao público uma análise etnográfica consistente, de agradável leitura, detentora de vários prêmios e merecedora do reconhecimento da academia.

***Patrícia de Araújo Brandão Couto, bacharel em Ciências Sociais pela UFRJ/1984, mestre em Antropologia pelo PPGACP da UFF/2001 e doutora em Antropologia pelo PPAGP da UFF/2003. Suas produções se estendem a ensaios fotográficos, vídeos, palestras, exposições, entre outros.**

Telefones: (021) 2294-5527 / 9914-2210
E-mail: patcouto@centroin.com.br

UFF FAZ A FESTA

Papai Noel negro é destaque no Natal dos 43 anos da universidade

A UFF realizou uma linda festa para comemorar seu aniversário de 43 anos junto com o Natal. No dia 18 de dezembro, funcionários, professores, alunos e familiares participaram de diversas atividades culturais.

Para celebrar a vida, as festividades começaram com um encontro inter-religioso no Teatro da UFF. O evento reuniu diversas religiões, entre elas a cristã (católica e evangélica), a espiritualista, a islâmica e a judaica.

À tarde, a festa continuou no Campus do Gragoatá, com a chegada de helicóptero de um Papai Noel diferente: negro, magro, de bermuda e sandália. Mas de gorinho e barba branca. Ele foi a alegria das crianças. O Papai Noel tropical foi recebido por dez bailarinos da Companhia de Dança de Rua Independent Street. No palco, os meninos e meninas de Duque de Caxias, com idades entre 9 e 18 anos, dançaram um hip-hop animado com o Papai Noel. No local, foi montada uma estrutura com 80 barracas de artesanato, comidas e jogos. A festa também contou com recreação para as crianças e sorteio de brindes, enquanto um DJ animava o público.

À noite, no Teatro da UFF, o Conjunto de Música Antiga da universidade apresentou um concerto de Natal, acompanhado do grupo vocal Anonimus e convidados. No programa, entre outras obras, um repertório de músicas natalinas da Renascença espanhola. O concerto foi gravado ao vivo, visando à preparação de um CD de Natal que será lançado em 2004.

O ponto alto da festa ficou por conta do show de encerramento das atividades do projeto Trote Cultural, com as bandas Trio Nordestino & Zabatê e Banda Tal, no Campus do Gragoatá.

O evento foi produzido e organizado pelo Setor de Marketing do Núcleo de Comunicação Social (Nucs) da UFF. Estão de parabéns os promotores que, em tempo recorde, conseguiram com tão poucos recursos, fazer a festa: Nelma Cezário, Ricardo Martiniano, Margareth Rossi, Maria Beatriz Mendes, Augusto Cidade, Carlos Augusto, Tatiana Maia, Afonso Almeida, Daniel Saturnino, Arnold Zárate, Eduardo Heleno, Carolina Ficheira e Carlos A. Gomes.

Informações: Setor de Propaganda e Marketing do Nucs/UFF. Telefones: (21) 2629-5248 e 2629-5249



Carlos Augusto



Eduardo Heleno



Eduardo Heleno



Carlos Augusto



Eduardo Heleno